

MARCADORES DE PALAVRAS RESIDUAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO DE -AR, -ER E -IM*

Camila Rossetti Vieira¹

* *Agradeço à Profa. Dra. Ana Paula Scher, à Profa. Dra. Ma-ria Luísa Feitas e, especialmente, à Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo pela leitura, comentários e sugestões feitos em versões anteriores deste estudo.*

¹ *Doutoranda em Linguística (Programa de Pós-Graduação em Linguística, UNICAMP) camila.linguistica09@gmail.com*

Resumo: No presente artigo, investiga-se a possibilidade de que alguns substantivos terminados nas sílabas travadas /ar/, /er/ e /iN/ sejam interpretados como multimorfêmicos, como consequência da atribuição de estatuto morfológico a essas terminações, as quais são marcadores de palavra de classes residuais, sendo esse o termo utilizado por Harris (1991) para se referir ao que, nos estudos do Português Brasileiro, é mais conhecido como “vogal temática nominal”. Para tanto, procedemos a coleta de dados, em um dicionário da língua portuguesa e na internet, e os analisamos sob a orientação dos pressupostos da Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993, entre outros), e mais especificamente sob o conceito de marcador de palavra advindo do trabalho de Harris (1991) e sob a classificação das classes temáticas do PB segundo Santana (2019).

Palavras-chave: Morfologia Distribuída; Marcador de palavra; Classe residual.

INTRODUÇÃO

De tempos em tempos, quando divulga-se um escândalo de corrupção no Brasil, uma das figuras mais comentadas é a do doleiro, esse que tem a função de negociar moedas internacionais, entre elas o dólar, sem respaldo legal. Sendo a palavra “doleiro”, portanto, derivada de “dólar”, por que os falantes de Português Brasileiro (PB) não optaram por “dolareiro” para designar esse criminoso, em analogia a outros derivados em *-eir-*, como “altareiro”? Da mesma maneira, por que ao modo de agir do mau-caráter é atribuída a palavra “mau-caratismo” se há na língua palavras como “cateterismo”? Além disso, por que chamar a prática de pebolim de “pebolismo” e não de “pebolinismo”?

Esse tipo de ocorrência não passou despercebido em estudos sobre a morfologia do PB. Santana (2019), por exemplo, discute as vogais temáticas (VT) em sua relação com aspectos da morfologia flexional da língua. Ao final do segundo capítulo, a autora analisa a ausência das VTs em palavras derivadas de não verbos. Segundo ela, para dar conta dessa questão, a literatura da área aponta para duas soluções: (i) a Hipótese de Truncamento – como nomeia Santana (2019: 109) – que consiste em que o sufixo seja anexado a uma palavra e a VT seja posteriormente apagada por uma regra fonológica; e (ii) a Hipótese do Radical como Base, na qual o sufixo é adjungido diretamente ao radical, e a VT nunca esteve presente.

Ao apresentar as motivações empíricas daqueles que defendem a segunda hipótese, Santana destaca o trabalho de Harris (1991), com dados do espanhol, que chama a atenção para um conjunto residual de marcadores de palavras – termo usado pelo autor para se referir às vogais temáticas nominais, como são mais conhecidos nos estudos do PB. A partir de exemplos como “*vírus*”, o autor propõe que *-Vs* – em que V representa qualquer vogal da língua – seja considerado um marcador de palavra, pois está ausente em palavras derivadas como “*virose*”. Porém, Santana (2019: 111) contesta tal interpretação, baseando-se em um conjunto de dados,

como “zipinho” e “açequinha”, os quais foram encontrados pela autora na internet.

Santana afirma que não é provável que essas sequências VC sejam marcadores de palavras, uma vez que se trata de um conjunto muito heterogêneo, tanto no que se refere ao comportamento – podem estar ausentes em algumas formas derivadas e outras não (ex.: fácil, facinho, facilidade) – quanto aos aspectos morfológicos – há palavras monomorfêmicas e multimorfêmicas – e fonológicos. Logo, diz a autora, sua única semelhança é serem paroxítonas e terminadas em uma sílaba com rima complexa. Então, sua conclusão é a que segue:

Assim, a crítica levantada por Harris (1999) para descartar a Hipótese de Truncamento dos marcadores de classe também não parece se sustentar, uma vez que os dados levantados na presente seção parecem apontar para a necessidade de postular uma regra de truncamento que alveja rimas átonas finais.

Santana (2019: 113)

Tal regra de apagamento é fundamental também na análise de Dias (2017), que investiga dados similares aos já referidos. O objetivo dessa autora foi o de discorrer sobre a formação de diminutivos a partir de antropônimos e substantivos comuns paroxítonos e terminados em sílaba travada (VC), com o intuito de sustentar a hipótese de que tais sufixos seriam infixos e de que há uma reanálise das formas de base. Amparada mais pelo pressuposto de que há uma relação entre fonologia e morfologia e menos por uma abordagem teórica propriamente dita, em seu estudo, argumenta que, em palavras como “dólar”, cujo diminutivo que encontrou é “dolinha”, há a queda da consoante final, e o diminutivo entra como infixo entre “dol” e “a”. Isso é similar ao que aconteceria com “Cleber”, cujo diminutivo seria “Clebinho”, mas /e/ é uma vogal que, na maior parte dos casos, atuaria como

epentética, sendo uma VT “legítima” em poucos casos e uma vogal “superficial” na maior parte, por isso seria trocada por uma vogal que marca gênero¹.

¹ Para a compreensão das vogais temáticas nominais no PB, Dias (2017) se vale da proposta de Matzenaur e Bisol (2016). Essas autoras defendem que, enquanto *-a* e *-o* seriam verdadeiras vogais temáticas, a vogal *-e* apresentaria um comportamento singular, sendo vogal temática em poucos casos e funcionando como vogal epentética na formação de empréstimos (ex.: clube) e na formação de plurais (ex.: vestibulares), ou seja, na proposta das autoras a vogal *-e* tem funções epentéticas, as quais não estão previstas na proposta tradicional de Câmara Junior (1970). Pa-ra as autoras, as vogais *-a* e *-o* também portam o gênero gramatical.

Sendo que as consoantes são apagadas, a autora sugere ainda que há a possibilidade de reinterpretar as palavras quanto ao seu agrupamento temático. Isso aconteceria porque tais palavras são usualmente consideradas como monomorfêmicas e atemáticas, mas o destravamento da coda faz com que uma vogal assuma a terminação da palavra, possibilitando que ela seja reanalisada como temática.

No caso específico das palavras terminadas em *-Vs*, Dias (2017) assume a proposta de Bermúdez-Otero (2006). Nesse texto, o autor investiga a aquisição de dois tipos de nomes do espanhol cujas formas singulares e plurais são homófonas. No primeiro tipo, ilustrado por “*virus*”, a homofonia seria gerada por neutralização fonológica e a sua principal característica seria a manutenção de *-s* em palavras derivadas, como “*virusote*”, logo, *-s* seria parte da raiz da palavra. No segundo tipo, cujo representante é “*Carlos*”, a neutralização seria feita na morfologia. Esses são chamados pelo autor de pseudoplurais, e o elemento não está presente em palavras derivadas, como “*Carlote*”. Tendo em vista essa ideia, Dias (2017: 27) argumenta que seus dados são potencialmente pseudoplurais quando formados por *-a* e *-o*, mas atemáticos quando possuem *-e*. Nos dois casos, postula novamente uma regra de apagamento da consoante final.

Do trabalho de Bermúdez-Otero (2006), cabe ainda destacar

que o autor aproveita ocorrências como “*viral*” para criar uma proposta alternativa a de Harris (1991). Na sua visão trata-se, na verdade, de um caso de alomorfa de raiz em que *vir-* seria selecionado por sufixos derivacionais e *virus-*, que é homófono ao tema, serviria de base para as formações avaliativas, alvos de seu estudo.

Levando em consideração um conjunto de dados assemelháveis aos levantados por Santana (2019), bem como as propostas que já foram feitas para seu tratamento, o objetivo desta pesquisa é investigar como são interpretadas as palavras substantivas com três tipos de terminação, /ar/, /er/ e /iN/. A primeira hipótese a ser defendida é que essas unidades possuem estatuto morfológico, uma vez que podem não estar presentes em algumas palavras derivadas. Além disso, apesar de homófonos a outros morfemas da língua portuguesa ou de línguas que são bases para empréstimos, seu estatuto é distinto. Garantido o estatuto morfológico dessas unidades, também será nosso objetivo defender a hipótese de que elas poderão ser consideradas marcadores de palavra do tipo residual, consoante ao que sugere Harris (1991), bem como à descrição das classes temáticas do PB defendida por Santana (2019).

Para cumprir os objetivos, a coleta de dados contou com duas etapas, a serem detalhadas na seção 2. A primeira consistiu em um levantamento, no *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (versão monousuário 3.0)* (DEH), dos substantivos com as terminações. Em seguida, foram selecionadas palavras derivadas com as mesmas raízes contendo três sufixos derivacionais, *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*. Essas últimas são provenientes de páginas da internet. De acordo com Gonçalves (2012: 170 - 171), tal tipo de recorte empírico tem a vantagem de reunir material que reflete a escrita padrão, como jornais e revistas, mas também fontes escritas mais próximas à oralidade, como é o caso das postagens em redes sociais.

1 FUNDAMENTOS PARA ANÁLISE

Nesta seção são discutidos os principais elementos que dão sustentação à análise proposta. Sendo assim, primeiramente, apresentamos brevemente os pressupostos da Morfologia Distribuída (MD) (cf. HALLE; MARANTZ, 1993, entre outros). Em seguida, expomos a definição de marcador de palavra feita por Harris (1991) e a proposta de Santana (2019) para as classes temáticas do PB.

1.1 Morfologia Distribuída

No sentido de sustentar a análise proposta, assumimos uma teoria sintática para a formação de palavras, a saber: a Morfologia Distribuída (cf. HALLE; MARANTZ, 1993, entre outros), sobre a qual faremos uma breve explanação. Em primeiro lugar, tal posição teórica é baseada em uma hipótese não lexicalista. Além disso, de acordo com Scher (2018: 86-87), a teoria admite que as operações *Merge* ('Concatenar') e *Move* ('Movimento'), que são realizadas na sintaxe, conforme propõe o Programa Minimalista (cf. CHOMSKY, 1995, entre outros), funcionam na formação de palavras.

A arquitetura da gramática, segundo a MD, conta com três listas. A Lista 1 (Traços Morfossintáticos) – ou léxico estrito – contém as raízes e os traços morfossintáticos com os quais a sintaxe gera as palavras. A Lista 2 (Vocabulário) é “responsável pelas regras que associam contextos sintáticos a material fonológico pós-sintaticamente” (cf. SCHER, 2018: 88). Já a Lista 3 (Enciclopédia) “contém entradas enciclopédicas que relacionam itens de vocabulário a significados” (cf. SCHER, 2018: 89).

Resumindo o que explica Scher (2015: 4), o funcionamento da MD se dá da seguinte maneira: a uma raiz acategorial é concatenado um núcleo funcional, gerando uma estrutura sintática, a qual não possui material fonológico. Essa é então enviada em partes para a forma lógica (LF), onde é interpretada, e em partes para a estrutura morfológica (MS) e, em sequência, para

a forma fonética (PF). Entre MS e PF ocorre a inserção do material fonológico, oriundo da Lista 2, através da operação *spell-out*. Depois disso, podem ainda ocorrer regras de reajuste sobre o material fonológico.

1.2 Marcadores de palavras e classes temáticas do PB

No trabalho de Harris (1991), o autor segue a premissa básica de que sexo biológico, gênero gramatical e classe temática possuem uma inter-relação, mas são domínios autônomos da representação linguística e demandam representação formal independente. Sexo biológico, para Harris (1991: 28), seria uma questão de semântica; gênero gramatical pertenceria à sintaxe, uma vez que ocorre a concordância; e os marcadores de palavra (*word markers*) – mais conhecidos como “vogais temáticas” – fariam parte da morfofonologia.

Sobre estes últimos elementos, o autor enfatiza, inicialmente, que nenhum *word marker* possui um sentido particular ou função, a não ser determinar a classe à qual a palavra pertence, sendo elementos puramente formais. Sobre isso, escreve:

²“Eles são marcadores de forma pura; membros de uma classe formal particular que não compartilham exclusivamente nenhum atributo além de seu pertencimento a essa classe. Os sufixos marcadores de classe não têm sentido ou função; eles não obedecem a nenhuma autoridade maior, seja semântica ou sintática. Eles são simplesmente peças de forma que devem estar no lugar certo e na hora certa, por suas próprias regras.” (cf. HARRIS, 1991: 59, tradução nossa)

They are markers of pure form; members of a particular form class uniquely share no attribute other than membership in that class. The class-marking suffixes have no meaning or function; they obey no higher semantic or syntactic authority. They are simply pieces of form that must be at the right place at the right time, by their own rules.²

HARRIS (1991: 59)

Em sequência, sustenta que tais elementos têm como propriedade morfológica o fato de marcar uma palavra completa do ponto de vista

flexional ou derivacional. Sendo assim, não podem ser seguidos por outro sufixo, derivacional ou flexional, exceto pelo plural *-s*. Em virtude disso, sua proposta é que a língua espanhola apresentaria os seguintes marcadores de palavras: i) *-o* (ex.: *muchacho*); ii) *-a* (ex.: *muchacha*); iii) *-Vs* (ex.: *Lucas*); iv) *-u* (ex.: *tribu*); v) *-i* (ex.: *bikini*); vi) *-s* (ex.: *quizás*); e vii) *-e* (ex.: *héroe*) (cf. HARRIS, 1991: 31)

Como já ressaltado na seção introdutória deste artigo, para Harris, o inventário de marcadores de palavras em espanhol inclui um marcador *-Vs*, no qual V pode ser preenchido por qualquer vogal da língua. Há ainda, segundo ele, algumas palavras que não possuem marcador, como “*amante*”, “*sol*” e “*mártir*”, as quais são encerradas ou por um *-e* ou por consoantes coronais.

Em seguida, o estudioso comenta que é possível dividir as classes em três agrupamentos hierarquicamente relacionados. O primeiro, chamado de *inner core*, reúne as palavras terminadas em *-o* e masculinas (ex.: *hijo*) e as terminadas em *-a* e femininas (ex.: *hija*). O segundo, *outer core*, agrupa as palavras sem vogal temática (ex.: *mar*). Já o terceiro, denominado *residue*, engloba todos os outros marcadores. Seus argumentos para sustentar essa divisão consistem no fato de que os residuais estão presentes em menor frequência na língua, não formam neologismos e há mudanças históricas; ou seja, as palavras tendem a migrar com o tempo dos residuais para os regulares, o que teria ocorrido com “*tribu*”, que estava se transformando em “*tribo*” em dialetos do espanhol nos Estados Unidos.

Outras propriedades relevantes que cabe destacar sobre os marcadores de palavras são apresentadas por Harris (1991: 32) em uma nota de rodapé, na qual escreve que os marcadores de palavras podem ser identificados por não estarem presentes em palavras derivadas e não haveria uma regra de apagamento para deletá-los.

Com relação ao PB, quem se dedicou aos estudos das vogais temáticas, mais recentemente, foi Santana (2019) sob a ótica da

MD. Em primeiro lugar, deve-se mencionar que a autora segue a tradição de Embick (1997) e Embick e Noyer (2007), que admite que as vogais temáticas sejam vistas como “morfologia ornamental” ou “nós dissociados”. Isso significa que, de acordo com Santana (2019: 91), por serem destituídas de valor semântico, o nó que realizará as vogais temáticas é inserido na estrutura pós-sintaticamente (tardiamente), por uma condição de boa formação morfológica que requer que todos os nós funcionais recebam posição temática. Sendo inseridos pós-sintaticamente, não são lidos pelo componente interpretativo, o que explica o fato de serem semanticamente opacos, diz a autora.

Em segundo lugar, sua proposta é de que existem quatro classes não verbais: na classe [-α] estão as palavras com vogal -o (ex.: *caderno*); na classe [+α] as palavras com vogal -a (ex.: *borracha*); na classe [+β] os substantivos terminados em -e após raiz com coda não licenciada (ex.: *abacate*), os substantivos com -θ no singular e -e no plural (ex.: *capuz [es]*) e os substantivos com -θ tanto no plural quanto no singular (ex.: *bagagem*) – todos os elementos dessa classe seriam aтемáticos, logo o -e inserido no plural é epentético e solicitado por algumas configurações segmentais (SANTANA, 2019: 67); já a classe [+γ] seria composta pelos substantivos que apresentam o -e após uma raiz terminada em coda licenciada (ex.: *controle*).

Santana, assim como Harris (1991), propõe uma hierarquia para a marcação (cf. SANTANA, 2019: 100), mas, diferentemente desse autor, ela utiliza traços binários. Para justificar a hierarquia que propõe, a autora argumenta que, como o item -o é o não marcado para gênero, esta é considerada a classe menos marcada; como o item -a é o item não marcado para valor feminino, o gênero mais marcado, a classe [+α] é mais marcada que a classe [-α], mas é menos marcada que a classe [+β] e que [+γ] que não são previsíveis quanto ao gênero. Já o que motiva [+β] ser menos marcada que [+γ] é o fato de que há mais palavras na primeira do que na segunda classe.

Por fim, é relevante dizer que, por motivos que serão salientados na próxima seção, neste artigo assume-se a proposta de Santana (2019) para a classificação das classes temáticas nominais do PB.

2 ANÁLISE DOS MORFEMAS

Após resumir as ideias que fundamentam a hipótese deste artigo, nesta seção será elencado e analisado um conjunto de palavras oriundas, por um lado, do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão monousuário 3.0) (DEH) e, por outro lado, da internet. Sendo assim, primeiramente, apresenta-se a metodologia de coleta desse material. Depois, ele é exposto, demonstrando que *-ar*, *-er* e *-im* não estão presentes em algumas palavras derivadas em *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*; e que são homófonos a outros morfemas, seja do PB ou de línguas que servem de base para empréstimos. Em seguida, discutiremos o estatuto morfológico de tais elementos, buscando demonstrar que podem ser considerados marcadores de palavras residuais.

2.1 Metodologia

Os dados analisados são oriundos de duas fontes: o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (versão monousuário 3.0) e a internet, não havendo julgamento de gramaticalidade por parte da autora do presente artigo. A primeira etapa de sua coleta consistiu no levantamento no DEH das palavras classificadas como substantivos, terminadas em *-ar*, *-er* e *-im*, o que gerou 1156 resultados, dos quais foram excluídos aqueles que também têm entrada como adjetivo, verbo ou advérbio e as entradas duplicadas. Somaram-se a esse conjunto alguns nomes próprios com as mesmas terminações. Logo, restaram aproximadamente 160 palavras terminadas em *-ar*, 210 terminadas em *-er* e 380 terminadas em *-im*.

Em sequência, foram selecionadas palavras derivadas com as mesmas raízes, aplicando três sufixos derivacionais, *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*, escolhidos por já terem sido objetos de pesquisas que têm a MD como orientação teórica³. Essa etapa foi cumprida usando a ferramenta “Pesquisa avançada” do *Google*, na qual restringimos as buscas – que ocorreram entre os meses de abril e novembro de 2019 – para o idioma português e para páginas do Brasil.

³ Exemplos desses estudos são Bachrach e Wagner (2007) sobre *-inh-*, Scher e Armelin (2018) acerca do *-eir-* e Tesch (2015), que aborda o *-ism-*.

Como bem lembra Bermúdez-Otero (2006: 11), os resultados do *Google* são “ruidosos”: a ferramenta pode apresentar resultados duplicados, erros de digitação ou, pela natureza desta pesquisa, resultados em que a forma primitiva e a forma derivada não têm relação de sentido, entre outros problemas. Tendo isso em vista, dois cuidados foram tomados para a análise qualitativa: 1) considerar resultados encontrados em, pelo menos, duas páginas distintas; e 2) observar, pelo contexto de ocorrência, se havia relação de sentido entre a forma primitiva e a forma derivada.

No caso dos derivados em *-inh-* e *-eir-*, foram considerados tanto os resultados com a vogal temática *-o* quanto com a vogal temática *-a*, sendo contabilizados aqueles com a vogal mais produtiva. Assim, na medida em que se faz necessário ilustrar os fatos, são trazidas palavras possuindo a vogal temática com o maior número de ocorrências no *Google*.

Concluída essa etapa, excluímos, do conjunto de palavras terminadas em *-ar*, *-er* e *-im*, aquelas que não obtivemos resultados com palavras derivadas, permanecendo 8 palavras terminadas em *-ar*, 24 terminadas em *-er* e 39 terminadas em *-im*. A tabela 1 mostra esses números, bem como a porcentagem que eles representam em relação ao total de palavras com essas terminações, evidenciando que são grupos pequenos – característica típica das classes com marcadores residuais, como exposto anteriormente.

Marcador	No.	%
<i>-ar</i>	8	5%
<i>-er</i>	24	11,4%
<i>-im</i>	39	10,3%

Tabela 1: Total de palavras

Já a tabela 2 mostra o número de palavras derivadas encontradas com cada um dos sufixos.

Marcador	Sufixos			Total de derivadas
	<i>-inh-</i>	<i>-eir-</i>	<i>-ism-</i>	
<i>-ar</i>	7	5	2	14
<i>-er</i>	17	16	8	41
<i>-im</i>	39	8	7	54
	63	29	17	109

Tabela 2: Total de palavras derivadas

2.2 Estatuto morfológico

Nesta subseção objetiva-se demonstrar que os elementos investigados possuem um estatuto morfológico próprio. Para tanto, argumenta-se que essas unidades, conquanto sejam homófonas a morfemas do PB ou de línguas que são fontes de empréstimos, possuem um estatuto distinto, uma vez que não se fazem presentes em palavras derivadas em *-inh-*, *-eir-* e *-ism-* e não expressam nenhum sentido específico.

Com relação aos substantivos terminados em *-ar*, foi possível levantar um conjunto de palavras com os sufixos *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*,

que sustentam a hipótese de que essa unidade é identificada como morfema, pois não é encontrada em palavras derivadas. Isso é exemplificado em (1).

- | | |
|--------------|-------------------|
| 1. a) açúcar | <i>açuquinho</i> |
| b) avatar | <i>avatinho</i> |
| c) César | <i>Cesinha</i> |
| d) açúcar | <i>açuqueiro</i> |
| e) dólar | <i>doleiro</i> |
| f) frigobar | <i>frigobeiro</i> |
| g) César | <i>cesismo</i> |

Ao analisar a unidade, o próprio *DEH* demonstra que *-ar* se faz presente em verbos da primeira conjugação no infinitivo (sendo *-a* a vogal temática e *-r* a desinência do infinitivo) e em adjetivos. No caso dos adjetivos (ex.: *familiar*), conforme o *DEH*, o elemento é um sufixo correspondente à forma latina *-aris*, que atribui sentido de relação, pertencimento. Trata-se, no *PB*, de um alomorfe do sufixo *-al* que ocorre em contextos em que já há um /L/ na raiz, como em $\sqrt{\text{CAPITUL}}$ e $\sqrt{\text{EXEMPL}}$.

Não há razões, porém, para sustentar que os dados da primeira coluna de (1) possuam o sufixo *-ar*, posto que esses são substantivos, não verbos ou adjetivos. Logo, o estatuto morfológico de *-ar* ali presente é outro, como argumentaremos em 2.3.

Assim como acontece com *-ar*, *-er* também é uma terminação tipicamente verbal, mas que ocorre em alguns substantivos. A partir desses, foi possível levantar os dados, parcialmente apresentados em (2), que comprovam que tal unidade não se faz presente em algumas palavras derivadas.

- | | |
|--------------|--------------------|
| 2. a) blazer | <i>blazinho</i> |
| b) Júpiter | <i>jupitinho</i> |
| c) freezer | <i>freezinho</i> |
| d) contêiner | <i>conteineiro</i> |
| e) pôquer | <i>pokeiro</i> |
| f) revólver | <i>revolveiro</i> |

g) brother	<i>brodismo</i>
h) caráter	<i>caratismo</i>
i) hamburguer	<i>hamburguismo</i>

Entre as palavras terminadas em *-er*, deve-se ressaltar que quase todas são empréstimos diretamente do latim (ex.: *júpiter*) e do inglês (ex.: *blazer*). Diferentemente do PB, nessas línguas, *-er* possui um estatuto morfológico. Na língua latina, é uma forma do nominativo masculino da 2^o declinação (ex.: *liber*). Já em inglês, segundo Yook e Lee (2016: 463), constitui um sufixo muito produtivo que aparece desde o período denominado *Old English*, que foi emprestado do latim *-arius* e que é um dos sufixos nominalizadores, sendo encontrado tanto concatenado a estruturas categorizadas como verbo (ex.: *writer*) quanto a estruturas não verbais (ex.: *downer*) e formando palavras que podem ser interpretadas, entre outros, como nomes de agente (ex.: *dancer*) e nomes de instrumentos (ex.: *romper*).

Assim, tendo em vista as línguas latina e inglesa, pode-se sugerir que as palavras em (2) apresentam um sufixo *-er* emprestado de tais idiomas, que também atuaria na formação de neologismos, como demonstram os dados organizados em (3).

3. a) Anitta *anitters*
- b) feijoada *fejoaders*
- c) tapioca *tapiokers*

O conjunto em (2), entretanto, é distinto do conjunto em (3) e das palavras derivadas em *-er* em latim e inglês, como “*youtuber*”, que foram emprestadas para o português. Nas palavras encontradas no *Twitter* e elencadas em (3), o elemento mórfico *-er(s)* forma agentivos habituais, algo similar a *-eir-*, porém com maior intensidade, ou seja, com sentido de fanático e/ou relativo ao universo virtual, são, portanto, formas composicionais. Em contrapartida, as palavras elencadas na primeira coluna do exemplário (2) não compartilham nenhum traço semântico que

seja semelhante em todas, uma característica fundamental dos expoentes de classe morfológica. Sendo assim, não é possível, por exemplo, definir uma relação de sentido entre “suéter” e “hambúrguer”. Sustenta-se, pois, que não se trata da mesma unidade, trata-se de um caso de homofonia.

Acrescenta-se à análise de *-ar* e *-er*, um conjunto de dados, organizados em (4), que atestam que também *-im* – encontrado em substantivos no *DEH* – pode ser tratado como um elemento mórfico, por não estar presente em palavras derivadas em *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*.

- | | | |
|-------|------------|---------------------|
| 4. a) | amendoim | <i>amendoimho</i> |
| b) | guaxinim | <i>guaxininho</i> |
| c) | puddim | <i>puddinho</i> |
| d) | bandolim | <i>bandoleiro</i> |
| e) | botequim | <i>botequeiro</i> |
| f) | jardim | <i>jardeiro</i> |
| g) | Amorim | <i>amorismo</i> |
| h) | trampolim | <i>trampolismo</i> |
| i) | tupiniquim | <i>tupiniquismo</i> |

Segundo o *DEH*, há um afixo *-im* (ex.: *farolim*) na língua que corresponde à redução dos sufixos diminutivos *-inh-* e *-in-* ou a uma redução da palavra tupi “mirim”. Quanto às suas propriedades, nota-se que o sufixo diminutivo *-im* é similar ao *-inh-*. Isso porque a categoria da base é preservada (ex.: *mercado_n* > *mercadim_n*), bem como não há modificação de gênero (ex.: *cerveja_{fem}* > *cervejim_{fem}*). Ademais, pode aparecer após um sufixo derivacional (ex.: *relaxada* > *relaxadim*). Tais propriedades são as mesmas do sufixo *-inh-*, conforme exposto em Bachrach e Wagner (2007).

Nesse mesmo sentido, o conjunto de dados observado em (4) permite argumentar que, para os falantes, o elemento mórfico *-im* tem uma relação estreita com o sufixo *-inh-*. Primeiramente, porque a coleta desse exemplário revelou que todas as palavras em *-im* também poderiam ser encontradas com *-inh-* (cf. tabelas 1 e 2).

Ademais, o contexto de ocorrência dos dados muitas vezes revela uma associação explícita entre os morfemas (ex.: “Pinguim parece o diminutivo de Pingu... mas um diminutivo errado, porque o certo seria Pinguinho” (cf. VALADÃO, 2010)).

Apesar de defender-se que há uma semelhança entre os sufixos diminutivos *-im* e *-inh-*, não é possível afirmar que as formas na primeira coluna de (4) sejam diminutivas; em outras palavras, o morfema *-im* ali presente é distinto dos sufixos diminutivos, pois é destituído desse sentido, tratando-se, de novo, de um caso de homofonia. A falta do sentido diminutivo e de qualquer outro é essencial, como se verá na próxima seção, para se propor que são marcadores temáticos do tipo residual.

2.3 Marcadores de palavras residuais *-ar*, *-er* e *-im*

Tendo definido, portanto, que as unidades *-ar*, *-er* e *-im* podem ser considerados morfemas em PB e que isso ocorre, primordialmente, porque não estão presentes em palavras derivadas, faz-se necessário defender qual o estatuto morfológico desses elementos. Nesse sentido, a hipótese que se pretende sustentar é que esses itens podem ser tratados como marcadores de palavras, que constituem classes residuais, tal qual definido por Harris (1991). Para justificar esta proposta, resume-se algumas propriedades de tal conceito: i) não possuem sentido; ii) não estão presentes em palavras derivadas; e iii) não podem ser seguidos por morfemas derivacionais ou flexionais, a não ser *-s*.

Relembrando os dados, a propriedade (i) pode ser confirmada para *-ar*, *-er* e *-im*, como já argumentado, pois não alteram o sentido da raiz e sua função morfossintática é determinar a classe residual a qual a palavra pertence. No que diz respeito à propriedade (ii), os exemplários mencionados também demonstram a ausência desses marcadores em palavras derivadas em *-inh-*, *-eir-* e *-ism-*. A propriedade (iii), porém, poderia muito bem ser contestada a partir de dados com formas variantes, como os organizados em (5):

5. a) blazer blazerinho
 b) açúcar açucareiro
 c) brother broderismo

Há duas soluções possíveis para resolver esse impasse. A primeira, baseada na proposta de Bermúdez-Otero (2006), é postular a ocorrência de uma alomorfa de raiz. No caso de “açúcar”, por exemplo, haveria uma raiz $\sqrt{AÇUCAR}$, que se realizaria em certos contextos, e $\sqrt{AÇUC}$, que se realizaria em outros contextos; a alternância, portanto, seria determinada por regras morfofonologicamente muito bem definidas, como em “lua” ~ “lunar”. Os próprios dados em (5) não sustentam tal proposta, já que são os mesmos contextos derivacionais que estamos analisando e não há uma diferença de sentido, haja vista que “açucareiro” não é semanticamente distinto de “açúcar”, assim são formas variantes e não um caso de alomorfa de raiz.

A segunda solução para esse impasse é que há dois grupos: um formado por palavras que pertencem à classe [+β], proposta por Santana (2019); ou seja, com um marcador de palavra -Ø tanto no singular quanto no plural, e outro formado por palavras que compõem as classes residuais. Nesse caso, uma pesquisa de cunho experimental e quantitativo poderá ser aplicada futuramente para definir melhor qual palavra pode pertencer a cada um desses grupos. Entretanto, somente a título de exemplificação, notemos na tabela 3 a diferença no número de resultados no buscador *Google*, que poderia sustentar a hipótese de que “jardim” é potencialmente uma palavra da classe [+β], enquanto “pebolim” pertenceria a uma classe residual.

Forma primitiva	Forma derivada	No.
jardim	jardeiro	7
	jardineiro	547000

pebolim	peboleiro	8
	pebolineiro	0

Tabela 3: Número de ocorrências no Google

Para determinar qual palavra possui marcador temático $-\emptyset$ e qual possui marcador residual, também será necessário levar em conta o argumento de Santana (2019: 112 – 113) contra a existência de classes temáticas residuais em PB. Com base nos dados que replicamos na introdução, a autora sugere que esses mostrariam um comportamento misto no interior de palavras derivadas, estando ora ausentes e ora presentes, o que seria um empecilho para considerar esses elementos como marcadores residuais. No levantamento de dados deste trabalho, observou-se que algumas palavras também possuem esse comportamento misto, portanto, seriam membros mais prováveis da classe [+β], enquanto outras mostravam que o elemento estava ausente em todos os contextos derivacionais listados – os dados em (6), por exemplo – sendo membros mais prováveis da classe de marcadores residuais. Ainda assim, reafirma-se a necessidade de ampliar essa proposta por meio de uma investigação experimental e quantitativa.

6. a) Neymar *Neyminha* *neymeiro* *neymismo*
 b) hambúrguer *hamburguinho* *hamburgueiro* *hamburguismo*
 c) pebolim *pebolinho* *peboleiro* *pebolismo*

Outro conjunto de dados que poderia impor dúvidas em relação à propriedade (iii) diz respeito à formação dos plurais das palavras terminadas em *-ar* e *-er*, pois, a exemplo de Alcântara (2010), muitos autores postulam que a vogal *-e*, evidente em “dólares” e “hambúrgueres”, seria uma vogal temática; sendo assim, haveria uma marcação redundante de classe temática nesta análise, o que não é desejado.

Alcântara e outros pesquisadores que assumem essa proposta baseiam-se nas ideias de Câmara Junior (1970, entre outros) para quem o fato de *-e* estar presente, não somente no plural, mas também em palavras derivadas, como “rapaziada” e “maremoto”, é argumento suficiente para atribuir a esse elemento estatuto de vogal temática. Entretanto, consoante ao que observa Santana (2019: 65), dados desse tipo são pouco numerosos – a autora menciona cerca de 8 palavras – e os contextos em que *-e* se apresenta no plural são bastante previsíveis, logo ela sugere que tais palavras possuem marcação temática *-Ø*. Soma-se, como argumento para essa proposta, de acordo com Santana (2019: 67), o fato de muitas palavras com tal terminação não formarem o plural com *-es* em certos dialetos, mas somente com *-s*, como “hambúrguers”.

Transpondo esse raciocínio de Santana (2019) para a hipótese sustentada neste artigo, a propriedade (iii) pode muito bem ser reconhecida para as palavras com os marcadores residuais *-ar* e *-er*, uma vez que não seriam seguidos por outro morfema, seja derivacional ou flexional, incluindo outro marcador de palavra, a não ser o plural *-s*.

⁴ Como lembrou a professora Dra. Ana Paula Scher, a quem agradecemos, essas palavras poderiam ser consideradas formas nominais truncadas (ex.: *boteco*) e não um processo de mudança de uma classe temática para outra, hipóteses que poderão ser alvos de uma futura investigação. Porém, mesmo sendo consideradas como formas truncadas, sustentam esta proposta, já que mostram que *-ar*, *-er* e *-im* são analisados co-

Mais argumentos para sustentar que *-ar*, *-er* e *-im* constituem marcadores de palavras residuais dizem respeito às suas características como grupo, de acordo com Harris (1991). Deve-se relembrar, nesse sentido, que o autor sugere que palavras das classes residuais tendem a migrar para as regulares, a fim de se adequar ao padrão silábico canônico CV. Os exemplos em (7)⁴ mostram justamente que é possível encontrar palavras de classes residuais com marcadores de palavras das classes mais regulares, no caso o marcador *-o* típico da classe [-α] do PB. Determinar se esse é um processo de mudança em curso e se os residuais também possuem a

como morfemas e não partes da raiz.

característica de serem menos frequentes e não formarem neologismos, demandaria uma análise quantitativa com base em um *corpus*, o que poderá ser feito numa futura ocasião.

- | | |
|----------------------|---------------|
| 7. a) <i>cheddar</i> | <i>cheddo</i> |
| b) <i>lúcifer</i> | <i>lucifo</i> |
| c) <i>pebolim</i> | <i>pebolo</i> |

Enfim, a vantagem explicativa desta análise sobre a de Dias (2017) – apresentada na seção introdutória –, que propõe o apagamento das consoantes finais e a reanálise da vogal final como marcador de classe, é, primordialmente, conter um único processo para gerar as palavras, sendo mais simples. Isso quer dizer que as formas são multimorfêmicas e pertencentes às classes de palavras com marcadores residuais. Para gerar, então, uma palavra como “júpiter”, parte-se da raiz acategorial \sqrt{JUPIT} , que é concatenada a um núcleo funcional, constituindo a estrutura sintática. Ao ser enviada para a estrutura morfológica, essa recebe o nó que realiza sufixos temáticos e, entre a MS a PF, ocorre a operação de *spell-out* que insere *-er* no nó \mathfrak{F} .

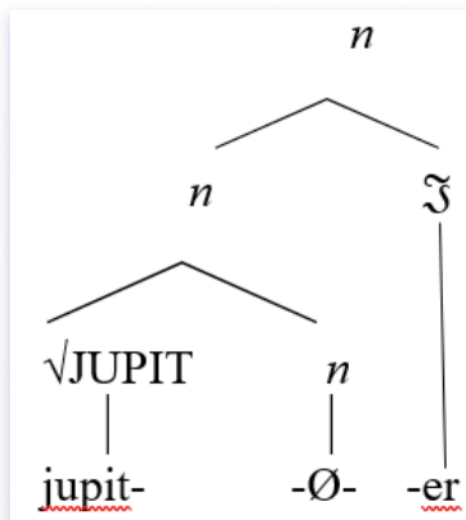


Figura 1: Estrutura de “júpiter”

Secundariamente, esta proposta não depende de processos variáveis e que não ocorrem com a mesma frequência nos diversos dialetos do país, como é o apagamento de /r/ final e a redução da nasalidade. Ao tomar como exemplo o processo de apagamento de /r/ final, a literatura da linguística é repleta de trabalhos que demonstram sua variação. No estudo desenvolvido por Oliveira (1997), com falantes de Belo Horizonte (MG), a taxa de apagamento de /r/ em não verbos é de 33%. Já no dialeto de Porto Alegre é de 2% e no dialeto carioca de 66%, como expõe Schwindt (2016: 456). Sendo assim, era de se esperar, por exemplo, que os porto-alegrenses tivessem menos tendência do que os cariocas a produzir palavras como as elencadas em (1), (2) e (4), o que precisaria ser comprovado empiricamente.

Por último, há a vantagem de explicar de maneira sintética os casos em que a vogal temática não é a mesma remanescente do que a autora interpreta como processos de apagamento, ou seja, explicar porque, ao lado de formas como “lúcife” e “chedda”, também são registradas “lúcifo” e “cheddo” (exemplos em (7)). Pela

proposta de Dias (2017), após a apócope de /r/, a vogal é reanalisada como marcador de palavra e há ainda a possibilidade de operar uma regra que modifique essa vogal para -o ou -a, vistas como marcação de gênero. No modelo derivacional que propomos, tal processo de substituição da vogal é dispensável, já que se parte de uma raiz e o marcador de palavra é inserido tardiamente. Como nunca esteve presente, não é necessário investigar razões para sua modificação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como ponto de partida um conjunto de palavras substantivas, como “dólar”, “caráter” e “pebolim”, tradicionalmente consideradas atemáticas, e palavras geradas a partir das mesmas raízes, como “doleiro”, “caratismo” e “pebolismo”, neste artigo, tivemos como objetivo testar a hipótese de que as terminações -ar, -er e -im possuem o estatuto de marcadores de palavras de classes residuais.

Primeiramente, propusemos que essas unidades são morfemas e não partes da raiz, pois alguns dados, recolhidos na internet, contendo os sufixos -inh-, -eir- e -ism-, demonstram que eles não estão presentes em palavras derivadas, sendo assim não estão presentes nas raízes da Lista 1. Ademais, demonstramos que são homófonos a morfemas do próprio PB contemporâneo, a morfemas de línguas que originam empréstimos ou que constituíam morfema de declinação na língua latina, mas que, ao longo da história do PB, perderam essa função. Entretanto, seu estatuto morfológico é distinto.

Em seguida, trouxemos argumentos para justificar a análise desses morfemas como marcadores de palavras residuais. O primeiro passo nesse sentido foi o de verificar se as propriedades desses elementos, conforme a proposição de Harris (1991), também eram válidas para -ar, -er e -im. Como visto, esses, tal qual os marcadores de palavras, não possuem sentido, não estão presentes em formas derivadas e não são seguidos por morfemas

derivacionais ou flexionais a não ser *-s*. Ademais, para comprovar que os elementos em análise possuem essas propriedades, demonstrou-se a necessidade de assumir uma proposta que não atribua estatuto de vogal temática a /e/ quando presente em plurais, assim como Santana (2019).

Também demonstramos que, tal qual previsto por Harris (1991), há uma possível tendência de que as formas que possuem os marcadores residuais passem a receber os marcadores mais regulares (*inner core*), o que poderá ser alvo de um estudo aprofundado.

Esta proposta pode ainda oferecer vantagens explicativas em relação a análises anteriores, por ser mais simples, dispensando, por exemplo, regras de apagamento, que são processos variáveis.

É preciso mencionar, enfim, que ainda se faz necessário um estudo de cunho experimental e quantitativo para determinar melhor quais palavras possivelmente pertencem ao agrupamento residual e quais são membros da classe [+β], o que deverá demonstrar, como sugere Harris (1991), que os residuais são menos frequentes do que os regulares, o que inclui os atemáticos da classe [+β]. Ademais, seria pertinente ampliar o estudo para outras palavras terminadas em *-Vr*, *-Vm* e *-Vs*.

Referências

ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. As Classes Formais do Português Brasileiro. *Letras de Hoje*. v. 45, n.1, 2010.

BACHRACH, Asaf; WAGNER, Michael. Syntactically driven cyclicity vs. output-output correspondence: The case of adjunction in diminutive morphology. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 10, n. 1, 2007.

BERMÚDEZ-OTERO, Ricardo. Spanish pseudoplurals: phonological cues in the acquisition of a syntax-morphology mismatch. In: BAERMAN, Matthew; CORBETT, Greville;

BROWN, Dunstan; HIPPISEY, Andrew (Orgs.). *Deponency and morphological mismatches*. New York: Oxford University Press, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

DIAS, Mayara Duarte. *Uma proposta de metanálise bimorfêmica através da formação de diminutivos*. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://lefufrj.files.wordpress.com/2018/03/tcc-mayara-duarte-dias.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

EMBICK, David. *Voice and the Interfaces of Syntax*. Doctoral dissertation. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Filadélfia, 1997.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the /MorphologyInterface. In: RAMCHAND, Gillian; REISS, Charles (Orgs.). *Oxford handbook of Linguistics Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro. *Signum: Estudos da Linguagem*. v. 1, n. 15, 2012.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and pieces of inflection. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay. (Org.). *The view from the Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993.

HARRIS, James W. The exponence of gender in Spanish. *Linguistic Inquiry*, v. 22, n. 1, 1991.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATZENAUER, Carmen Lucia Barreto; BISOL, Leda. The inventory and the underlying distribution of theme vowels in the Portuguese noun class. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 60, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos Linguísticos*. v. 6, n. 2, 1997.

SANTANA, Beatriz Pires. *Morfologia ornamental: as vogais temáticas do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/63255/R%20-%20T%20-%20BEATRIZ%20PIRES%20SANTANA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 ago. 2019.

SCHER, Ana Paula. ReVEL na escola: Morfologia Distribuída. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015.

SCHER, Ana Paula. *Por menos morfologia não concatenativa: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro*. Tese (Livre-docência em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SCHER, Ana Paula; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. As formações agentivas com o sufixo -eir- no português brasileiro: uma abordagem sintática. In: MEDEIROS, Alessandro Boechat de; NEVINS, Andrew Ira (Org.). *O apelo das árvores: estudos em*

homenagem a Miriam Lemle. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 299-345.

SCHWINDT, Luiz Carlos da Silva. Sobre a preservação de expoentes morfológicos na fonologia variável do português brasileiro. *Domínios de lingu@gem*. v. 10, n. 2, 2016.

TESCH, Leila Maria. Criar e seus derivados: um exercício na distinção entre interpretação idiomática e leitura composicional. *ReVEL*, v. 13, n. 24, 2015.

VALADÃO, Renato. *Pinguim parece o diminutivo de Pingu... mas um diminutivo errado, porque o certo seria Pinguinho*. 31 out. 2010. Twitter: @kato_witter. Disponível em: <https://twitter.com/kato_witter/status/29322021981>. Acesso em: 19 nov. 2019.

YOOK, Cheongmin; LEE, Yong-hun. A functional account for the productivity of English -er nominals. *Linguistic Research*, v. 33, n. 3, 2016.

Apêndice

Forma primitiva	-inh-	-eir-	-ism-
açúcar	açuquinha (1570)	açuqueiro (113)	-
avatar	avatinho (3)	avateiro (5)	-
césar	Cesinha (223000)	-	cesismo (54)
cheddar	cheddinho (9)	-	-
dólar	dolinha (3270)	doleiro (392000)	-

frigobar	-	frigobeiro (30)	-
Neymar	Neyminha (7)	neymeiro (7)	neymismo (10)
Óscar	osquinha (365)	-	-

Tabela 4: Dados terminados em *-ar* e número de resultados no Google

Forma primitiva	<i>-inh-</i>	<i>-eir-</i>	<i>-ism-</i>
banner	banninho (3)	-	-
blazer	blazinho (1050)	blazeiro (3)	-
brother	brodinho (4990)	brodeiro (8)	brodismo (22)
caráter	-	-	caratismo (32000)
chanceler	-	chanceiro (7)	-
chofer	-	chofeiro (5)	-
container	-	conteneiro (1060)	-
designer	designinho (3)	designeiro (3)	designismo (6)
freezer	freezinho (76)	freezeira (40)	
gangster	-	gangsteiro (3)	-
hacker	hackinho (228)	hackeiro (9)	hackismo (6)
hambúguer	hamburguinho	hamburgueira (52400)	hamburguis mo (6)

hamster	-	hamsteiro (8)	-
júpiter	jupitinho (7)	-	
kaiser	kaisinha (256)	-	-
Lúcifer	lucifinho (152)	-	-
pôquer	-	pokeiro (10)	-
repórter	reportinho (43)	reporteira (298)	reportismo (5)
revólver	revolvinho (2800)	revolveiro (10)	-
suéter	suetinho (7)	sueteiro (5)	-
twitter	twittinho (7)	twitteiro (11900)	-
Walter	Waltinho (104000)	-	waltismo (2)
Xavier	Xavinho (156)	-	xavismo (1)
zíper	zipinho (5)	-	-

Tabela 5: Dados terminados em *-er* e número de resultados no Google

Forma primitiva	<i>-inh-</i>	<i>-eir-</i>	<i>-ism-</i>
aipim	aipinho (23)	-	-
alecrim	alecrinho (40)	-	-
amendoim	amendoinho (47)	amendoeira (6850)	-
Amorim	amorinho (246)	-	amorismo (113)

arlequim	arlequinha (462)	-	-
bandolim	bandolinho (45)	bandoleiro (1040)	-
Benjamim	benjaminha (5)	-	-
boletim	boletinho (2740)	-	-
botequim	botequinho (540)	botequeiro (894)	botequismo (3)
camarim	camarinha (2080)	camareira (3590)	-
capim	capinho (88)	-	-
carmim	carminho (330)	-	-
cetim	cetinho (39)	-	-
chinfrim	chinfrinha (154)	-	-
curumim	curuminha (585)	-	-
curanchim	curanchinho (9)	-	-
Crispim	Crispinho (211)	-	-
cupim	cupinha (50)	-	-
espadachim	espadachinho (2)	-	espadachismo (1)
folhetim	folhetinho(16 2)	folheteiro (109)	-
gergelim	gergelinho (9)	-	-

guaxinim	guaxininho (76)	-	-
jardim	jardinho (146)	jardeiro (7)	-
jasmim	jasminha (2)	-	-
lagostim	lagostinho (35)	lagosteiro (68)	-
mandarim	mandarinho (82)	-	-
manequim	manequinho (842)	-	-
marfim	marfinho (7)	-	-
mocassim	mocassinho (5)	-	-
motim	motinho (128)	-	-
pebolim	pebolinho (72)	peboleiro (8)	pebolismo (100)
pinguim	pinguinho (4160)	-	-
pudim	pudinho (140)	-	-
querubim	querubinho (86)	-	querubismo (2290)
quindim	quindinho (584)	-	-
scarpin	scarpinha (8230)	-	-
talharim	talharinho (5)	-	-
trampolim	trampolinho (10)	-	trampolismo (6)

tupiniquim	tupiniquinho (29)	-	tupiniquismo (327)
------------	----------------------	---	-----------------------

Tabela 6: Dados terminados em *-im* e número de resultados no Google

Abstract: *This article investigates the possibility that some nouns ending in the locked syllables /ar/, /er/ and /iN/ could be interpreted as multimorphic ones, as a consequence of the assignment of morphological status to these terminations, which are word markers of residual classes, this being the term used by Harris (1991) to refer to what, in studies on Brazilian Portuguese, is better known as “nominal thematic vowel”. Therefore, we proceeded to data collection in a Portuguese language dictionary and on the internet, and analyzed it under the assumptions of Distributed Morphology (cf. HALLE; MARANTZ, 1993, among others); and more specifically under the concept of word marker arising from the Harris’ work (1991) and under the classification of thematic classes of Brazilian Portuguese according to Santana (2019).*

Keywords: *Distributed Morphology; Word marker; Residual classes..*

Recebido em: 13/01/2021

Aceito em: 03/02/2021